



O PONTO MELHOR PARA BANHOS SALGADOS: os banhos salgados na formação do veraneio do Rio Vermelho, Salvador (BA)

EIXO TEMÁTICO: REGIMES DE VERACIDADE E HISTORICIDADE

PAZ, Daniel J. Mellado

Doutor em Arquitetura e Urbanismo; Professor da Faculdade de Arquitetura da UFBA
danielmelladopaz@gmail.com

RESUMO

O artigo cobre um silêncio historiográfico sobre o Rio Vermelho, bairro importante de Salvador (BA), antigo povoado de pescadores, lugar de festas fundamentais para a cidade desde tempos coloniais e uma das estâncias balneares que induziram à ocupação litorânea do século XX. O foco está em rastrear a gênese de sua condição de estância balnear, da transição da antiga vilegiatura campestre colonial para uma vilegiatura marítima. Por um lado, em linhas gerais, a aproximação ao mar por meio dos *banhos salgados*, as imersões terapêuticas nas águas marinhas, dentro da mentalidade da época sobre a saúde. E, por outro, como os indícios desse uso estão relacionados à venda de imóveis no então distante povoado e o seu aluguel durante o verão.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Vermelho; banho de mar; banho salgado; vilegiatura marítima; veraneio

ABSTRACT

The paper fills a historiographical absence about Rio Vermelho, an important neighborhood in Salvador (BA), a former fishermen village, a place of fundamental festivals for the city in colonial times and one of the seaside resorts that led to the coastal occupation of the 20th century. The focus is on tracing the genesis of its condition as a seaside resort, the transition from the old colonial country houses to maritime resorts. On the one hand, in general terms, the approach to the sea through sea salt baths, therapeutic immersions in marine waters, within the health mentality of the time. And, on the other, how the evidence of this use is related to the sale of properties in the then distant town and their rental during the summer.

KEY-WORDS: *Rio Vermelho; sea bath; sea salt bath; sea vacation; summer vacation*

RESUMEN

El artículo intenta cubrir a un vacío historiográfico sobre Rio Vermelho, importante barrio de Salvador (BA), antiguo pueblo de pescadores, lugar de fiestas fundamentales para la ciudad en la época colonial y uno de los balnearios que propiciaron la ocupación costera del siglo XX. siglo. La atención se centra en rastrear la génesis de su condición de balneario, desde la transición de las antiguas chacaras coloniales a la vilegiatura marítima. Por un lado, en términos generales, el acercamiento al mar a través de baños salados, inmersiones terapéuticas en aguas marinas, dentro de la mentalidad sanitaria de la época. Y, por otro, cómo se relaciona la evidencia de este uso con la compraventa de propiedades en la entonces lejana localidad y su alquiler durante el verano.

PALABRAS CLAVE: *Rio Vermelho; baño de mar; baño salado; vilegiatura marítima; veraneo*

INTRODUÇÃO

Aqui tratamos de identificar quando o Rio Vermelho deixa de ser um distante, ainda que importante, povoado de pescadores e se torna lugar de visitação. Ou seja, os passos da transformação da distante vila de pescadores em local de vilegiatura marítima, em estância balnear, futuro bairro residencial.

Essa transformação ocorreu na primeira metade do século XIX, onde convivem a tradicional atividade da pesca, as festas populares em mudança, e os novos banhos salgados. O declínio gradual da pesca (como da caça de baleia) no Oitocentos se deu com a ascensão de novas festas populares – do culto a N. Sra. de Sant’Anna, que converge com a independência do Brasil (inclusive no episódio mítico da aparição da santa que teria levado ao seu culto) e abandono dos antigos cultos coloniais, como a São Gonçalo do Amarante. A vilegiatura campestre, reinterpretando, sempre de maneira gradual, as casas de campo como unidades produtivas periurbanas, ocorre no verão, na chamada “canícula”, e coincide com as festas do chamado “ciclo de verão”.¹ Aqui há algo que não é menor: a data oficial do culto à santa é 26 de julho; no entanto, o milagre, ocorrendo em 13 de fevereiro, o estabeleceu como a data das festas no Rio Vermelho, situando-o convenientemente no período de veraneio da cidade. Essa dimensão festiva é paralela, e converge com o uso balnear, mas não poderá ser explorada aqui.

O bairro, afamado pela sua boêmia até hoje, e palco de uma das mais importantes festas da cidade, a Entrega de Presentes a Yemanjá no 2 de Fevereiro, desde cedo teve sua história escrita. A obra pioneira sobre o lugar é a de Aurélio Ângelo de Souza, *Nas Bandas do Rio Vermelho*, de 1961. Outra importante contribuição foi a de Licídio Lopes, artista filho de pescadores locais, que deu uma visão mais rica sobre o cotidiano do lugar, desde aquele ponto

¹ Período do calendário festivo soteropolitano, que se estabelece com uma riqueza maior no final do século XIX, marcado pelo verão e pela estadia nos arrabaldes de parte expressiva da população urbana. Novembro e dezembro ainda se marcava por grandes festas urbanas, como a de N. Sra. da Conceição da Praia a 8 de dezembro, mas logo após o Natal a cidade se esvaziava, retornando no ápice, e encerramento, desse veraneio, que era o Carnaval, de novo à cidade, em seu coração (Paz, 2023).

de vista. A obra, *O Rio Vermelho e Suas Tradições – memórias de Licídio Lopes*, foi escrita em 1969, mas publicada somente em 1984. Nesse mesmo ano concluíra a parte do Projeto História dos Bairros de Salvador, da Fundação Cultural do Estado da Bahia, dedicado ao bairro, empreendimento bastante calcado na história oral, publicado como livro em 1988. Voltado ao bairro estudado, Ubaldo Marques Porto Filho publicou em 1991 o seu *Rio Vermelho*, pela AMARV – Associação dos Moradores e Amigos do Rio Vermelho, da qual faz parte.

No entanto, é uma historiografia truncada, com grandes períodos de silêncio, e a história oral, ou a memória da comunidade quando consultada, tem limites evidentes. Ora, esse limite é o do surto de beribéri na cidade – uma avitaminose, então compreendida como uma doença, uma epidemia transmissível, com etiologia e propagação desconhecidas, e a busca por tratamentos para mitigá-la, das quais vingou o veraneio em sítios já empregados para tanto: em especial, a ilha de Itaparica, mas também as casas de campo na Península de Itapagipe (Bonfim e a Ribeira), a Barra, e o Rio Vermelho. Nos anos 1980, esse surto, ou esse nome vago, era o limite da memória, e hoje em dia sequer isso é conhecido. No entanto, o que descobrimos é que o tratamento talassoterápico antecedia em décadas essa enfermidade e sua cura. É a emergência desse hábito no Rio Vermelho que procuramos reconstituir aqui.

1. OS PRIMEIROS BANHOS SALGADOS NA CIDADE

A escolha do Rio Vermelho como uma estação terapêutica informal estava ligada aos *banhos salgados*, isto é, aos banhos de mar – décadas depois, o *banho de ar*, a pretensa pureza do ar marítimo, seria invocado como fator de salubridade (Paz, 2011). Sua aparição foi gradual e constante, e sempre às margens dos escassos relatos que penetravam no cotidiano efetivo, nos hábitos e, portanto, nos sentimentos despertados. No entanto teria sido central para esse deslocamento.

Os banhos salgados eram claramente “médicos”, com fins de saúde. Porém isto se passou antes, muito antes, da documentação mais extensa da Faculdade de Medicina da Bahia; criada em 1808, as Teses de seus alunos e professores desenvolvem-se nas décadas seguintes. E mesmo no auge da hidroterapia, nas últimas décadas do século XIX, com equipamentos

específicos para tanto, não era a talassoterapia, o tratamento com banhos de mar, algo muito enfatizado. Portanto, o processo de medicalização aconteceu de outra maneira.

Sem uma trama mais densa de documentos vindos desta classe de profissionais, ainda não articulados em torno de uma instituição mais vigorosa de ensino, radicada em solo brasileiro, como foi a Faculdade de Medicina, e publicações próprias, ainda assim os esparsos Tratados setecentistas apontavam para o banho como um procedimento terapêutico válido. O *Tratado da Educação Física dos Meninos*, de 1790, de autoria de Francisco de Mello Franco, reconhecia, no âmbito de uma preocupação com a saúde das crianças, o que depois ganharia força sob o nome de *puericultura*, o papel dos banhos de água fria. Atestava que, ainda que às crianças ainda não era aplicado à larga, em Portugal “milhares de pessoas adultas, por meio dos banhos do mar, e do rio, recuperão todos os dias huma saude vigorosa de maneira” (Franco, 1790, p.26). Isto indica algo importante.

Sem poder aprofundar aqui, o banho salgado terapêutico na Bahia ocorreu por um processo de imitação de mais de um estrato ou lugar, sem uma fonte unitária, por reforço: imitavam-se os estrangeiros residindo na Bahia, em especial os ingleses; imitavam-se os portugueses aristocratas, no Rio de Janeiro e na Bahia, que já mostravam esse hábito; e imitavam-se os europeus em seus países de origem, conhecidos pelas elites em suas viagens à Europa (Paz, 2020).

Nas primeiras duas décadas do século XIX seria algo ainda bastante esporádico e isolado. O holandês Quirijn Maurits Rudolph Ver Huell (2009), que residira em Salvador de 1807 a 1810, banhava-se com seus companheiros na região de Montserrate. Louis François de Tollenare (1956), nos anos 1810, na angra da Vitória. Não faziam a menção a nenhum bahiano ou brasileiro, sequer, banhando-se. No entanto, Ver Huell vira a Condessa da Ponte, D. Maria Constança de Saldanha Oliveira e Daun – casada desde 1796 com o 6º Conde da Ponte, João de Saldanha da Gama Melo Torres Guedes de Brito, governador da Província da Bahia –, rumar em uma chalupa, nas primeiras horas da manhã, para banhar-se no “cabo de Santo Antônio”, isto é, na Barra. Era um hábito rotineiro, e por motivos muito específicos, coube a esse estrangeiro flagrar esse episódio; nada remotamente similar foi registrado por outro viajante

em solo local. É fundamental marcar a enorme descrição com que faziam a viagem, desde a área portuária da cidade até a Barra, em uma embarcação fechada, com toldo e cortinas. Ainda que eram mulheres que tomavam a iniciativa, a condessa como o pináculo mesmo da elite portuguesa na Bahia.

Da mesma maneira, encontramos, poucos anos depois, no *Idade d'Ouro do Brazil* de 11 de outubro de 1811, em um dos constantes anúncios de casa para vender: “Está para se vender, ou rifar huma casa de campo, de pedra e cal, nova, e moderna com beiramar da parte do *Papagaio*, em *Itapagipe*, sitas no lugar mais agradável denominado *Porto dos Tainheiros*; tem seu sitio com bastantes laranjeiras, e alguns coqueiros; o porto melhor para banhos salgados”.² A casa, chamada abertamente *casa de campo*, implica em uma segunda residência, ainda que exerça algum papel produtivo, e indicava como uma de suas virtudes, em recado telegráfico, o banho salgado. Ou seja, nesse momento esse hábito começava a instalar-se.

Se a literatura médica era escassa – ao menos aquela que encontramos – e se nela o papel dos banhos era menor, sua difusão seria oral, através dos médicos de família, essa figura tão próxima das famílias dos pacientes. O que temos aponta para uma crença terapêutica estabelecida no papel dos banhos de mar. Um exemplo de uma recomendação médica, e que se enraizara como crença difusa, está no tratamento para a tuberculose, relatado por Anna Ribeiro de Góes Bittencourt (1843-1930):

Socrates julgando conveniente que o Guilhermino usasse de banhos de mar, auxiliou-o para que fosse a uma praia tomá-los. De fato, no princípio do ano voltou muito melhorado. Infelizmente, depois de alguns meses, foi chamado para ver uma irmã que se achava gravemente doente de tuberculose. Faleceu ela pouco tempo depois, e o irmão voltou abatidíssimo. Explicou seu estado pelo desgosto e trabalho que lhe dera a irmã, a ele muito afeiçoada, não o deixando afastar-se dela um instante. Em poucos meses, declararam-se no Guilhermino os sintomas do terrível mal. E ainda há quem duvide do contágio de tal moléstia! (Bittencourt, 1992b, p.232).³

² IDADE D'OURO DO BRAZIL n.44, Sexta-Feira 11 de Outubro de 1811. Salvador: Typ. de Manoel Antonio da Silva Serva, 1811.

³ As memórias que Anna Bittencourt (1992a; 1992b) escreveu são fundamentais para entender muito dos hábitos do Oitocentos. Neste caso, devemos entender que os banhos salgados eram parte de uma pletora heterogênea de terapias à qual se apelava. Como fármacos exóticos, tal como o adotado por seu avô, após as Guerras da Independência, que experimentou jogar aos olhos o sangue retirado da asa do acauã, o que fez depois de

Em texto cômico do pseudônimo Pedro Maxixe, de 1849, ele falava em "tomar uns banhos salgados, que nos receitou o médico Pitorra, por via da frouxidão que padeço, preferi este amável e pitoresco sitio do Papagaio"⁴, na região da Ribeira. Aquele Sócrates era a versão real deste Dr. Pitorra. Ambos os casos, o real e o satírico, apontavam para essa figura de difícil rastreio, que tinha como espaço de ação a esfera familiar, mais íntima, que era o médico de família.

Como foi esse banho salgado na Bahia? De entrada, em nenhum momento se estruturou à maneira dos clássicos banhos de mar europeus, com seus "banhistas" ou "curistas", os *dippers* dedicados a proteger o enfermo e mesmo garantir que as prescrições médicas fossem seguidas de modo tecnicamente competente, em períodos cronometrados (Corbin, 1989). Tampouco parecem estar ligados à rica sinestesia e rituais complexos, do confronto físico com o mar aberto que vigorou na Europa, com o choque na frente de ondas, e o mergulho, até porque os balneários eram em lugares de águas mais serenas, como as praias da Península de Itapagipe e do Porto da Barra. No Rio Vermelho, isso também se repetia: eram tranquilas as águas da Praia de Sant'Anna (e ainda são) e as da foz do rio Lucaia, um meandro arenoso onde repousavam jangadas, uma conformação que desapareceu com as obras do emissário submarino, concluído em 1974.

Não encontramos nem sombra das edículas e outros aparatos, para garantir comodidade e privacidade ao banhista, talvez apenas tardiamente, no começo do século XX – como cabanas

intensa oração. Ou as recomendações do tio da memorialista, Manoel José, que servia como médico amador aos parentes e amigos das redondezas, e a quem aplicava o medicamento chamado "Pílula de Família". Para desinfetar as moradas, usavam a fumaça gerada por estrume seco de gado e, modernizando-se, por alcatrão. Fora os dissabores e desconfianças com a Medicina formal de então da família, com parentes próximos frustrados. Diante da escassez de procedimentos eficientes, o mais imediato era a remoção do enfermo do lugar onde estava – considerando que o meio podia ser a origem dos males – e enviá-lo, se, possível, para um local salubre. Por exemplo, quando a mãe de Anna Bittencourt mostrou sinais de pneumonia, julgaram que poderia ser curada pelos ares do campo, assim como para a tuberculose, como a que acometera Guilhermino Augusto Borges, professor de seu filho e a quem tinham como da família, e a quem recomendaram ir para um local, cujo clima costumava ser recomendado contra as tuberculosas; o enfermo recorreu, como visto, os banhos salgados. Mas em dado momento a família optou pelas águas termo-minerais do Cipó.

⁴ A MARMOTA n.248, Quarta-Feira 13 de Junho de 1849. Salvador: Typ. de E. Pedroza, Rua do Pão de Ló, n.21 – A, 1849.

de palha em Amaralina, aos pés da colina onde está a capela de N. Sra. dos Mares, que podem ser locais para a troca de roupa dos banhistas.

Porém encontramos sinais precoces desse interesse pelos banhos de mar, por meio de anúncios de jornal, como fator importante para aluguel de casas nos arrabaldes litorâneos. Primeiro vemos isso no Rio Vermelho.

2. OS BANHOS SALGADOS NO RIO VERMELHO

Em 1838, em casa no Rio Vermelho, aparecia a possibilidade bifronte de banhos de água salgada e de água doce, a partir de uma fonte própria, além de ser uma casa bem aparelhada (assoalho, janelas de vidro) e com roça boa, aparentemente no antigo Alto de São Gonçalo, “optima para banhos, muito fresca, e bem construída”⁵. Em 1839, alugava-se “uma casa terrea envidraçada, com bons commodos, e propria para banhos, na povoação do Rio Vermelho junto à igreja, da parte do mar”⁶.

E em 1840 vendia-se uma casa, “a melhor casa que ali tem para banhos de mar, por serem estes no quintal da mesma casa”.⁷ Essa configuração se alterou um tanto pela abertura da via atualmente chamada Rua da Paciência. Era mais usual, então, ter casas com quintais ao mar, o que lhes permitiria um banho mais reservado, quase uma extensão do recesso privado. Em 1845 encontramos o primeiro anúncio da venda de uma casa com a vantagem de prestar-se para banho, provavelmente de mar.⁸ Em 1847, vendia-se “casa de morada no Rio Vermelho, com commodos para uma familia – salla fechada, dous quartos grandes, salla de jantar, cosinha e varanda, com quintal feichado! He casa alta, e bem edificada – com 3 degráos à entrada da salla – e frente para o mar”⁹. A distância em relação ao mar provavelmente relaciona-se com os banhos nascentes.

⁵ O CORREIO MERCANTIL n.540, Sábado 25 de Agosto de 1838. Salvador: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1838.

⁶ O CORREIO MERCANTIL n.259, Quarta-Feira 4 de Dezembro de 1839. Salvador: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1839.

⁷ O CORREIO MERCANTIL n.102, Sábado 9 de Maio de 1840. Salvador: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1840.

⁸ O CORREIO MERCANTIL n.540, Sábado 25 de Agosto de 1838. Salvador: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1838.

⁹ O GUAYCURU n.18, 27 de Janeiro de 1850. Salvador: Typ. de Manoel Feliciano Sepulveda, ao largo do Pilar, caza n.96, 1850.

A oferta de outros estabelecimentos nos aponta transformações. Em 1850 vendia-se “na povoação do Rio Vermelho uma venda sortida”¹⁰ e no ano seguinte “uma venda no melhor local do Rio Vermelho”.¹¹ O anúncio de uma *venda* (o estabelecimento) implica em um dado grau de urbanização, com uma população estável que servia de clientela para um estabelecimento operar o ano inteiro. Implicava em uma divisão do trabalho mais organizada, e no abastecimento externo de produtos, o que não seria tão fácil. Nesse mesmo período encontramos expressamente o aluguel de uma casa para o veraneio: “he muito fresca, proxima à praia, e decente para uma familia passar a festa”.¹²

Figura 1: Trecho do *Mappa Topographica [sic] da Cidade de S. Salvador e sus Suburbios* (1845), de Carlos Augusto Weyll. Aqui vemos a situação do Rio Vermelho em meados do século XIX. Abaixo (a oeste), onde as casas se organizam ao redor da Igreja de N. Sra. de Sant’ Anna, era o Porto de Sant’ Anna, e sua praia imediata recebia o mesmo nome. Acima (a leste), na foz do rio Camurugipe original (assinalado como “Rio Vermelho”) era o Porto da Mariquita. O mapa, de 1845, indica uma obra que deveria ser feita e não existia na época, e que seria compreendida como necessária após o cólera-morbo de 1855, e realizada enfim em 1880. Esse mapa revela algo dos meandros da foz do rio.



Fonte: Almeida, 2014.

¹⁰ O GUAYCURU n.110, 3 de Abril de 1851. Salvador: Typ. de Manoel Feliciano Sepulveda, ao largo do Pilar, caza n.96, 1851.

¹¹ O MERCANTIL n.65. Quarta-Feira 26 de Março de 1851. Salvador: Typ. de E. Jorge E Thella, 1851.

¹² O GUAYCURU n.61, 21 de Novembro de 1850. Salvador: Typ. de Manoel Feliciano Sepulveda, ao largo do Pilar, caza n.96, 1850.

Figura 2: Rio Vermelho (1860), de Benjamin R. Mulock. Aqui está claramente delineado o que se chamava de Porto da Mariquita. Como a ponte de alvenaria foi construída em 1866, sabemos que a datação está equivocada. A enseada aberta ao mar, e o meandro do rio, protegido, a língua de terra, de areia, permitia que os barcos fossem de um lado a outro. Nessas águas tranquilas tomava-se banho.



Fonte: Ferrez, 1988.

Vejamos agora nas regiões próximas.

Entre a Barra e o Rio Vermelho a ocupação era muito rarefeita. No alto do outeiro de São Lázaro como na sua base, na foz do rio Camarão, estavam pescadores. Pois ali, em 1839, encontramos este anúncio: “no Camarão há duas casas grandes de aluguer com muito bons banho de mar, e doce de bica tudo quase ao pé da porta”.¹³ E em 1845: “casas por modico preço, com bons commodos para famílias, alugao-se no sitio do Camarão, entre Barra e Rio Vermelho, onde há banhos do mar, e d’agoa doce”.¹⁴ Ou são a mesma propriedade ou é relevante oferecer uma variedade de interesses, do banho de água doce (em bica, no caso da primeira chamada) e do banho salgado, no mar. Entre ambos os anúncios, encontramos ainda

¹³ O CORREIO MERCANTIL n.232, Quarta-Feira 30 de Outubro de 1839. Salvador: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1839.

¹⁴ O MERCANTIL n.268, Quinta-Feira 4 de Dezembro de 1845. Salvador: Typ. de E.J. Estrella, Rua das Grades de Ferro, casa n.78, 1845.

um terceiro, sem esse caráter ambidestro: “no Camarão há uma casa com commodos para uma família, e bons banhos de mar”.¹⁵ O reconhecimento dessa potencialidade das imediações do São Lázaro, da região entre o Jardim Apipema e Ondina, ocorreu concomitante com a procura no Rio Vermelho.

Figura 3: *Rio Vermelho – Bahia*, cartão-postal da Litho-Typ. Joaquim Ribeiro & Comp., 1919, da Coleção Ewald Hackler. A berma ainda se mantinha, com a vegetação que lhe era característica. Uma das melhores imagens que temos da Igreja de N. Sra. de Sant’Anna, à esquerda, e da praia, como se apresentava no século XIX.



Fonte: Vianna, 2004.

Na Barra, os banhos se ensaiaram antes. Além da Condessa da Ponte, temos para alugar em 1821: “huma roça no caminho da Barra, parte do mar, com boas proporções para banho salgado, e doce, e casa de morada”.¹⁶ Não está claro que caminho seria esse. Na época não havia ainda a Ladeira da Barra, no percurso atual, embora houvesse uma estrada que se iniciava na base do Outeiro de Santo Antônio, subindo à meia-encosta. Se fosse esse trajeto, os banhos seriam no Porto da Vitória; se fosse no trecho abaixo, e no caminho estreito que levava até o Forte de Santo Antônio, os banhos seriam ou no Porto da Barra, ou nas pequenas

¹⁵ O CORREIO MERCANTIL n.266, Sexta-Feira 17 de Dezembro de 1841. Salvador: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1841.

¹⁶ IDADE D’OURO DO BRAZIL n.100, Terça Feira 14 de Setembro de 1821. Bahia: Na Typographia da Viuva Serva & Carvalho, 1821.

praias formadas naquele trecho. Explicitamente na Barra temos em 1838: “vende-se uma boa casa para banhos salgados, na Barra”.¹⁷ E em 1841, “aluga-se, por um anno, uma boa casa na Barra, para banhos”¹⁸, apenas isso, assim eram as virtudes do imóvel.

O Rio Vermelho, distante da cidade, é o limite máximo dos anúncios, da escolha para segunda residência. Além disso, nada apareceu. Este anúncio, genérico como é, indica o que era uma propriedade com tal perfil:

- Quem quizer alugar uma rocinha dentro da cidade, com muito boas commodidades e recreio, grande casa de morada com muitos commodos e grandes lojas, boa vista de mar, grande pomar de laranjas e de outras muitas qualidades de fructas de estimação e utilidade, agoa de beber nativa à porta, e bem assim banhos salgados, e outros arranjos; lugar muito saudavel [...] ¹⁹

É sintomática a data da maioria dos anúncios desses aluguéis e vendas: quase sempre de outubro a dezembro. Ou seja, às vésperas do veraneio, que podia iniciar-se antes, mas cujo estopim eram, via de regra, as festas natalinas.

Tudo indica que houve um banho popular, embora menor que aquele dos rios e lagos, mesmo nas localidades litorâneas onde havia essa possibilidade, como o Rio Vermelho. João Varella, ao descrever um Rio Vermelho antes do veraneio, fala apenas dos banhos em fontes, reservando à praia outros usos.

A população local naquelles tempos era quase toda de pescadores, bons, talvez felizes.

À noite, os casaes simples, passeiavam pelas praias, iam fachear nas rochas ou contavam à prole, sentados sobre a relva, factos doutras eras, história de princezas encantadas ou de sereias tentadoras que, nas pedras, cantavam attraindo, fascinando, incautos mareantes... que perdiam a rota e desapareciam no abysmo Glauco... (Varella, 1935, p.92).

Falando também de um Rio Vermelho primitivo, ainda sem o afluxo de veranistas, João Varella apontava um banho de rio menos entremesclado com atividades funcionais das famílias e da

¹⁷ O CORREIO MERCANTIL n.531, Segunda-Feira 13 de Agosto de 1838. Salvador: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1838.

¹⁸ O CORREIO MERCANTIL n.271, Sexta-Feira 24 de Dezembro de 1841. Salvador: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1841.

¹⁹ O CORREIO MERCANTIL n.264, Terça-Feira 10 de Dezembro de 1839. Bahia: Typ. do Correio Mercantil, de M.L. Velloso e Comp., 1839.

cidade. Aos domingos “os rapazes procuravam os banhos do Cabussú, da Lucaia, da Chapada, da Fontinha, (detraz de um dos montes, pouco antes das rochas)” (Varella, 1935, p.92.). Nas fontes, e não no mar. Sobre a mesma localidade, Antonio Garcia faz uma longa, e igualmente imprecisa quanto à época, descrição, onde aparece gente indo não às fontes, mas ao próprio rio Lucaia.

Ademais, tinha irresistíveis seducções o banho frio, manhãzinha, no Lucaya, abaixo da calha que faiz mover a lapidadora de diamantes e ao qual se ia de tamancos, sem collarinho, sob as grandes abas de um chapéo de palha grossa, vezes sem palitô e também sem escandalizar o proximo. (Garcia, 1923, p.283).

José Alvares do Amaral, relatando inundações causadas por chuva em 5 de junho de 1880, dá conta de dois estabelecimentos do gênero, um deles sendo “a lapidação da Conceição da Lucaia, perto do Rio Vermelho” (Amaral, 1922, p.242). Que é mencionada provavelmente pelo mesmo episódio na Falla desse ano, que relata dos charcos, “pântanos”, que deveriam ser dessecados “entre a fabrica de lapidação e a ladeira que vae ter a Brotas” (Falla..., 1880, p.9.), que devemos entender como a atual R. Waldemar Falcão, na sua parte mais baixa, que hoje é conhecido por todos como Lucaia (que é apenas um trecho de um rio mais longo).

Outra pergunta é quem seriam estes jovens. A maioria das menções indiretas a esse banho folgazão dos mais jovens é sob o espectro da vadiagem e dos moleques. Não tem por que ser, neste caso, algo muito diferente. Seriam os jovens de uma localidade de pescadores e roceiros. Apenas vistos sob as lentes do bucólico, como em todo o relato de Garcia. No livro *O Feiticeiro*, de Xavier Marques, passado no final dos anos 1870, há uma longa descrição das excursões, e falava, no rol de atividades, do banho nas fontes, sob o dossel das árvores, ao longo dos arrabaldes (Cabula, Matatu, Brotas, Garcia), no “programa dos rapazes” estavam os “banhos nas fontes emboscadas” (Marques, 2017, p.84).

Mas não cabe dúvida de que o banho salgado, com fins eminentemente medicinais, se instaurou a partir das classes altas, expresso como valor imobiliário, e foi por longas décadas algo da esfera privada, embora por todos conhecido. Pertencia a esse âmbito da família, ou do círculo de conhecidos, de amigos mais próximos. A praia nesse momento não é um *locus* de ostentação social, e a aparição é um problema a ser resolvido, e não uma faceta bem-vinda.

A ruptura ocorreu quando isso se modificou, décadas depois de ser um hábito consolidado, ainda que bastante discreto.

Em 1855, assola a cidade a epidemia do cólera-morbo. O Rio Vermelho joga um papel importante, até porque a historiografia baiana sacramentou que fora a chegada do vapor *Imperatriz* à cidade, vindo do Pará, e o desembarque de um colérico no povoado, deflagrara a epidemia.²⁰ No entanto, documento oficial da época desmentia essa situação.

À comunicação com a terra do vapor – *Imperatriz* – que entrara do Pará no dia 20 de Julho, e do qual se disse saltara um cholerico na povoação do Rio Vermelho, attribuo-se a princípio a importação desse mal; mas averiguadas taes circumstancias pela Policia, foi reconhecida a inexactidão dellas, não tendo o vapor faltado ao rigor da quarentena em que estivera.

[...]

Foi o Municipio da Capital o primeiro theatro da devastação, e a povoação do Rio Vermelho a em que ella primeiro se tornou mais assustadôra (...) (Falla..., 1856, p.6).

Não houve quem desembarcasse no Rio Vermelho, e a quarentena fora cumprida no Lazareto estabelecido, então, no Forte de Santo Antônio da Barra. No entanto, firmou-se na historiografia baiana, a despeito de, já em 1856, o Chefe de Polícia desmentir como “inteiramente destituído de fundamento aquelle boato” (Falla..., 1856, p.3), o do desembarque do colérico. Já no dia 21 de julho detectaram casos no Santo Antônio Além do Carmo (no Convento das Carmelitas), na freguesia de Sant’Anna (no centro da cidade) e no Rio Vermelho, e o governo atribuía às imundícies trazidas ao rio Camurugipe pelo sistema de esgotamento da cidade (Paz, 2019). Teria o cólera assolado o Rio Vermelho, e Wanderley Pinho chegou a falar na morte de “mais de metade dos habitantes, lançando ao êxodo e à precipitada emigração da outra metade” (Pinho, 1920, p.142), mas podemos desconfiar da fidelidade destes dados.

De qualquer maneira, uma década depois o Rio Vermelho seria procurado novamente por uma outra epidemia. Em 1865 assinalaram um surto de febres paludosas no Rio Vermelho,

²⁰ Foi o dito por José Wanderley de Araújo Pinho (1920) e José Alvares do Amaral (1922). Este último falava de dois arpoadores de baleia do Rio Vermelho como os pacientes-zero.

atribuído ao rio Camurugipe (Relatório..., 1865). Mas esse ano veria uma mudança a favor do lugar.

Um episódio crucial para os banhos salgados foi a identificação, em 1865, pelo Dr. José Francisco da Silva Lima, da aparição na cidade de uma moléstia “tropical” vagamente conhecida na literatura internacional: o *beribéri*. A rápida sucessão de casos, na Bahia e demais províncias do Império, veiculados pela *Gazeta Médica da Bahia*, fez o beribéri ser reconhecido como uma epidemia. Moléstia sem causas claras, hoje conhecida avitaminose, tinha como meio de combate mais eficaz a emigração. Em Salvador, o melhor sítio para a cura climatérica foi a ilha de Itaparica, situada na Baía de Todos os Santos, e chamada de *Europa dos Pobres*, na falta da alternativa no outro hemisfério. Mas outros sítios de veraneio foram reconhecidos como salubres, deflagrando um processo de vilegiatura marítima naquela ilha, e reforçando o que já estava em operação nos arrabaldes litorâneos de Salvador (Paz, 2012).

O banho salgado, apesar de motivo real para a estância medicinal, será, no cotidiano das décadas seguintes, sempre discreto. Cleidiana Ramos (2017) mostrou como isso ocorria mesmo nas primeiras décadas do século XX.

A partir do momento em que a única solução, consensual e comprovada, para enfrentar o que se entendeu inicialmente como uma epidemia – e depois se tornou uma endemia – era um lugar salubre à beira-mar, criou-se um reforço no deslocamento das pessoas em Salvador para o veraneio. O efeito parece ter sido a ativação da vilegiatura litorânea na ilha de Itaparica, limitada pelas dificuldades de acesso, e o reforço da vilegiatura em arrabaldes em franco dinamismo – na Península de Itapagipe, na Barra e no Rio Vermelho. Precisamos destacar que não era algo intencional, mas acidental, fugindo completamente ao controle dos médicos.

Na listagem dos lugares, o Rio Vermelho era parte do receituário: “a remoção de doentes para Itaparica, Rio Vermelho e outros logares beira-mar, foi o meio mais poderoso de cura para esta enfermidade” (Relatório..., 1882, p.9.). O Dr. Silva Lima, dos mais importantes médicos baianos do Oitocentos, pioneiro no combate ao beribéri e a maior autoridade no assunto, narra sobre o paciente Sr. F., natural da Bahia, de 33 anos de idade, o uso de banhos salgados, dentre outros métodos, para combater a atrofia muscular: “O próprio doente lembrou-se

ainda de ensaiar conjuntamente os banhos salgados [...] foi, por isso, no princípio de Maio, para o Rio Vermelho, de onde vinha depois à cidade uma ou duas vezes por mez, para me consultar” (Silva Lima, 1869, p.231). Na biografia de José Alvares do Amaral diz-se que fora “accommettido de insidioso beriberi, veio a fallecer no arrabalde do Rio Vermelho, aos tres dias do mez de novembro de 1882” (Amaral, 1922, p.5), provavelmente lugar aonde foi para curar-se.

Em 1859 abriu-se um novo caminho para o Rio Vermelho: a *Estrada Dois de Julho*, aberta em 9 de fevereiro de 1859, “que pelas margens do Dique e do Rio da Lucaia” levava ao Rio Vermelho (Amaral, 1922, p.61). Não parece ter sido um êxito nos anos seguintes, dadas as obras de reforma e manutenção que exigiu.

Porém uma década depois, em 1869, começaram os primeiros serviços de linhas de bondes puxados a burro sobre trilhos de ferro, os ensaios de um transporte coletivo moderno. E o Rio Vermelho, por distante que fosse, foi um arrabalde atendido. Mais do que isso, duas das empresas que operavam na cidade competiram com linhas próprias para atendê-lo.

Uma delas, a *Transportes Urbanos*, aproveitou parte da Estrada do Rio Vermelho, partindo do Campo Grande, e chegando ao Alto de São Gonçalo, no trajeto conhecido como *Rio Vermelho de Cima*, justamente por seguir pelas cumeadas. A outra, a *Trilhos Centrais*, partindo um ramal das Sete Portas, contornava o Dique do Tororó e aproveitava a recente Estrada Dois de Julho, na *Rio Vermelho de Baixo*, por seguir pelos fundos de vale. Sobre a Rio Vermelho de Cima, foi inaugurada entre março de 1875 e fevereiro 1877 (Relatório..., 1875; Relatório..., 1877). Na mesma época chegou a Rio Vermelho de Baixo ao Largo de Sant’Anna, mais exatamente em 1876 (Relatório..., 1876). A companhia Transportes Urbanos ainda faria uma mudança radical no seu trajeto, para poder alcançar as cotas mais baixas, costeiras, e expandir-se até o Largo da Mariquita, em 1888. Aqui avançamos para além do período que estudamos, mas nos basta para indicar que o arrabalde se havia tornado lugar de muito interesse para as empresas de transporte coletivo. Pela sua condição própria, pôde ser disputada por duas delas, e seu público aparentemente valia o investimento. A própria melhoria da Ponte da Mariquita, de

madeira para alvenaria, de um arco, em 1866, permitia esse acesso pela linha férrea, e indicava as melhorias do arrabalde.

A procura do Rio Vermelho como “sanatório natural”, como se dizia, baseava-se em um veraneio que já existia, para banhos salgados que já se realizavam. Faria parte da demanda pelas novas linhas férreas e esta, uma vez instaladas, provavelmente facilitou a procura para fins terapêuticos. O mesmo vale para os festejos, cada vez mais importantes.

CONCLUSÃO

As obras mais conhecidas sobre o Rio Vermelho, ainda hoje pesquisadas, padecem de uma história “confusa” para os eventos do Brasil Colônia e Império. Porto Filho menciona rapidamente que fora o bairro uma “estação de cura do beri-beri” [sic], de onde passara a ser um “recanto preferencial do veraneio das famílias ricas” (Porto Filho, 1991, p.27). Os organizadores do Projeto História dos Bairros de Salvador falam muito genericamente desse processo – a atração dada pelo clima e águas, e da fama (sem data) pelas “propriedades medicinais da água do mar para a cura do *beribéri* e outras doenças” (Rio Vermelho... 1988, p.10). A folclorista Hildegardes Vianna, nesse mesmo livro, atrelou os “foros de estação balneária” às virtudes miraculosas das águas descobertas no “meado do século passado” (Rio Vermelho, 1988, p.70), mencionando o beribéri entre as enfermidades mitigadas. A história que traçamos aqui é mais longa, com seus nuances, e certas datas pontuais, onde datas cabem.

Para a gênese da vilegiatura campestre, e depois marítima, na cidade do Salvador – fenômeno relevante para sua expansão física e sua conformação particular – as festas tiveram um papel dinamizador importante, ancorando-se na prática (e realidade) das casas de campo como unidades produtivas, anterior. Essa visita é reforçada pela emergência dos banhos de mar medicinais no Oitocentos. Essa concertação não se repete igualmente em cada um dos arrabaldes litorâneos da cidade.

Para termos de comparação, as festas do ciclo de N. Sr. do Bonfim nos mostram um evento de natureza religiosa que efetivamente convidava as pessoas da cidade à distante Península

de Itapagipe, arregimentando-as, levando-as a alugarem roças e casas ali, já de modo expressivo no começo do século XIX. Os banhos salgados, de começo paulatino e discreto, que ali ganham primeira expressão significativa na cidade, parecem ser colaterais ao veraneio.

No Rio Vermelho, não é o caso: os banhos salgados emergem em concordância com os primeiros sinais do vulto que as festas a N. Sra. de Sant'Anna ganhavam, em mútuo reforço. Aqui marcamos apenas os banhos salgados, um fator fundamental para o aluguel de propriedades no verão. De toda sorte, os sítios de veraneio continentais já vigentes – Barra, Rio Vermelho e Itapagipe (Penha e Montserrate) – se viram reforçados pelas vantagens terapêuticas reconhecidas pela classe médica quando do surto de beribéri, a partir do seu registro em 1865.

Nesse momento o Rio Vermelho já recebe linhas férreas de transporte coletivo. É quando uma configuração urbana mais ampla se desenha, constituída durante o veraneio, ao longo dos arrabaldes de Salvador, marcada pelas festas religiosas e mundanas, em um calendário compartilhado por toda a cidade, e estruturada pelos novos transportes coletivos. Nessa constelação de lugares, com um cotidiano próprio, estival e festivo, preponderavam a Península de Itapagipe, Barra e Rio Vermelho, mas abrangia todos os arrabaldes campestres e litorâneos de Salvador (Paz, 2023).

Aqui finalmente alcançamos o horizonte das obras consagradas sobre o bairro da memória registrada com suas informações insubstituíveis e minúcias tão vívidas sobre o cotidiano, e também, assim como da historiografia mais densa da cidade.

E podemos, enfim, encerrar este esboço histórico sobre o Rio Vermelho e a cidade de Salvador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Carmo Baltar Esnaty. **As Vitrines da Civilização: a modernização urbana do Bairro Commercial da Cidade da Bahia (1890-1930)**. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – PPGAU, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2014.

AMARAL, José Alvares do. **Resumo Chronologico e Noticioso da Província da Bahia Desde o seu Descobrimto em 1500**. 2ed. Revisto e Consideravalmente Annotado por J. Teixeira Barros. Salvador: Imprensa Official do Estado, Rua da Misericórdia, n.1, 1922.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. **Longos Serões do Campo Vol.1 – O Major Pedro Ribeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992a.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Goes. **Longos Serões do Campo Vol.2 – Infância e Juventude**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992b.

CORBIN, Alain. **O Território do Vazio – a praia e o imaginário ocidental**. 1989, ed. Schwarcz Ltda, São Paulo. 1989, 385p.

FALLA Recitada na Abertura da Assembléa Legislativa da Bahia Pelo Presidente da Província O Doutor Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima Em 14 de maio de 1856. Typographia de Antonio Olavo da Franca Guerra e Comp., Rua do Tira-Chapéu, casa n.3, 1856.

FERREZ, Gilberto. **Bahia: Velhas Fotografias 1858/ 1900**. Rio de Janeiro: Kosmos Ed./ Salvador: Banco da Bahia Investimentos S.A., 1988.

FRANCO, Francisco de Mello. **Tratado da Educação Fysica dos Meninos, Para uso da Nação Portuguesa**. Publicado por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias, 1790.

GARCIA, Antonio. A Festa dos Jangadeiros. In: **Revista do Instituto Geographico e Histórico da Bahia**, n.48, 1923. Salvador: Imprensa Official do Estado, Rua da Misericórdia, n.1, 1923.

HUELL, Quirijn Maurits Rudolph Ver. **Minha Primeira Viagem Marítima 1807-1810**. 2ed. amp. Salvador: EDUFBA, 2009.

LOPES, Licídio. **O Rio Vermelho e Suas Tradições – memórias de Licídio Lopes**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984, 112p. [o livro foi concluído em 1969].

MARQUES, Xavier. **O Feiticeiro**. São Paulo: Com-Arte, Edusp, 2017.

PAZ, Daniel J. Mellado. A Europa dos Pobres: a ilha de Itaparica como sanatório do beribéri. In: **Anais do XII SHCU – Seminário da História da Cidade e do Urbanismo**. CD-ROM. Porto Alegre: PROPUR-UFRGS/ PROPUR-UFRGS, 2012.

PAZ, Daniel J. Mellado. **Beira do Mar, Lugar Comum: o surgimento do lazer e bem-estar à beira-mar da cidade do Salvador. Séc. XIX.** 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2020;

PAZ, Daniel J. Mellado. De Vales e Valas: a Rua da Valla na Salvador do Séc. XIX. In: **Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2018c. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xvshcu>> Acesso em: maio 2024

PAZ, Daniel J. Mellado. O Ciclo dos Arrabaldes: a configuração urbana de Salvador e seus arredores (1870-1940). **Revista Thésis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 2023. PP.53-86. Disponível em: <<https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/358>>. Acesso em: maio 2024.

PAZ, Daniel J. Mellado. *Topoi* Nocivos Salubres: as recomendações geográficas da medicina baiana e suas transmutações entre 1870 e 1930. In: **Anais do 2º Seminário Íbero-Americano Arquitetura e Documentação.** CD-ROM. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32711>> Acesso em: maio 2024.

PINHO, José Wanderley de Araújo. A Cholera Morbus de 1855 e o papel de Cypriano Betamio. In: *Revista Trimestral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* 1920 (1º e 2º semestres) Anno XXVII, Nº 46. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, Rua da Misericórdia, n.1, 1920.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. *Rio Vermelho.* Salvador: AMARV, 1991.

RAMOS, Cleidiana Patricia Costa. *Festa de Verão em Salvador: um estudo antropológico a partir do acervo documental do jornal A Tarde.* Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Salvador, 2017.

RELATÓRIO Apresentado à Assembléia Legislativa Provincial da Bahia no dia 1º de Março de 1865 pelo Excellentíssimo Presidente da Província o Snr. Desembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida. Salvador: Typ. Poggetti de Tourinho, & C., Rua do Corpo Santo, n.47, 1865.

RELATORIO com que o Excellentissimo Senhor Dr. Venancio José de Oliveira Lisboa Abrio a 2ª Sessão da 20ª Legislatura da Assembléia Legislativa Provincial da Bahia no dia 1 de Março de 1875. Salvador: s/d, 1875.

RELATÓRIO com que o Excellentissimo Senhor Presidente Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes Abriu a Assembléia Legislativa Provincial da Bahia no dia 1º de Maio de 1876. Salvador: Typ. do “Jornal da Bahia”, 1876.

RELATÓRIO com que ao Ilm. E Exm. Snr. Dezembargador Henrique Pereira de Lucena Passou a Administração da Província em 5 de Fevereiro de 1877 O Exmo. Sr. Conselheiro Luis Antonio da Silva Nunes. Salvador: Typ. do “Jornal da Bahia”, 1877.

RELATÓRIO com que o Exm. Sr. Conselheiro de Estado João Lustosa da Cunha Paranaguá Passou no dia 5 de Janeiro de 1882 a Administração da Província ao 2º Vice-Presidente e Exm. Sr. Dr. João dos Reis de Souza Dantas. Salvador: Typ. do “Diario da Bahia”, Praça Castro Alves, 101, 1882.

SILVA LIMA. José Francisco de. Contribuição para a História de uma Moléstia que reina actualmente na Bahia sob a forma epidêmica, e caracterizada por paralysis, edema, e fraqueza geral. In: *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n.61, ano III, 15 fev 1869

RIO VERMELHO – Projeto História dos Bairros de Salvador. Salvador: Governo do Estado da Bahia – Secretaria da Cultura/ Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SOUZA, Aurélio Ângelo de. *Nas Bandas do Rio Vermelho*. Salvador: Associação Atlética do Rio Vermelho/ Divisão de Cultura, 1961.

TOLLENARE, Louis François de. *Notas Dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1956.

VARELLA, João. *Da Bahia que eu Vi*. Salvador: Typ. de O Povo, 1935.

VIANNA, Marisa. *“...Eu vou pra Bahia”*. Salvador: Bigraf, 2004.